

A causa perdida: relações entre memória e história na formação da identidade sulista na  
Geórgia

Waldemar Dalenogare Neto  
Doutorando em História (PUCRS).

RESUMO: Este artigo visa abordar sobre a Causa Perdida, movimento intelectual iniciado no sul dos Estados Unidos para preservar a memória do lado derrotado na Guerra de Secessão Americana (1861-1865). Parte integrante da construção da identidade do *Southern way of life* moderno, os defensores da Causa pregam por um culto aos generais confederados e propõem diferentes versões para a análise do conflito que matou mais de meio milhão de pessoas.

Palavras-chave: Guerra Civil Americana, Nacionalismo, Memória.

Boys, I have done the best I could for you. Go home now, and if you make as good citizens as you have soldiers, you will do well, and I shall always be proud of you. Goodbye, and God bless you all. (GUELZO, 2012, p. 479).

Quando Washington recebeu a notícia de que o General Robert Lee havia rendido suas tropas para Ulysses S. Grant em Appomattox, a Casa Branca comemorou o fim da Guerra Civil antes mesmo dela acabar. Lee era o militar confederado mais respeitado pelos seus aliados e o mais temido pelos seus rivais. Seu discurso de rendição apaziguador foi encarado por Abraham Lincoln como um importante passo em direção à paz que poderia definir o futuro de sua nação (THOMAS, 2008, p. 512-514). Cinco dias mais tarde, John Wilkes Booth, simpatizante das causas defendidas pelos confederados, entrou no Teatro Ford, em Washington, e assassinou ao presidente Lincoln. Estava claro que conciliação entre norte e sul não seria tarefa fácil, e que os políticos da região derrotada não aceitariam se submeter ao governo caso fossem obrigados a abrir mão de tradições passadas por várias gerações. É neste contexto pós-guerra que um grupo de intelectuais sulistas iniciou o movimento chamado de Causa Perdida.

Charles Wilson (2011) classifica a Causa Perdida como resquício da ideologia sulista dos tempos de guerra, criando um sentimento de que o sul estava formando uma nação com uma identidade nacional e valores superiores aos do norte moldaram o pensamento político dos confederados. Paul Quigley (2002) considera que esta união somente foi possível graças

ao que ele chama de “nacionalismo sulista”, baseado em um sistema econômico integrado e na defesa de um grande ideal (a continuidade da escravatura).<sup>1</sup>

O termo “causa perdida” foi cunhado em 1866 pelo jornalista Edward A. Pollards, com a publicação do livro *The Lost Cause: A New Southern History of the War of the Confederates*, onde o autor clamava pela preservação da identidade sulista nos Estados Unidos da era da reconstrução. Dois anos mais tarde, o ex-general Dabney H. Maury fundou a Southern Historical Society (SHS) com o intuito de transcrever relatos de oficiais do exército e civis sobre a guerra civil e divulgar o ponto de vista da guerra na visão dos confederados para todo o país (JONES, 2011, p. 953).

Meu primeiro contato com este tema veio com a leitura de *The Rise and Fall of the Confederate Government*, livro escrito pelo presidente dos Estados Confederados, Jefferson Davis. O político via a guerra como inevitável e considerou que os massacres cometidos “pelos ordeiros do norte” destruíram o espírito democrático dos Estados Unidos da América. Apesar das fracas vendas, o livro se tornou um símbolo para os defensores das causas sulistas, especialmente pelas duras críticas ao comportamento de Lincoln durante o conflito.

Fernando Catroga (2001) nos apresenta três níveis de memória: a proto-memória (fruto do *habitus* e da socialização); a memória propriamente dita (baseada nas lembranças); e a metamemória (conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu). É este último nível que me interessa aqui. Meu objetivo neste artigo é mostrar como este grupo do sul dos Estados Unidos trabalhou a memória pós-guerra civil com o objetivo de manter suas raízes e preservar sua identidade mesmo após a queda dos Estados Confederados.

Para diferenciar a identidade criada no sul americano, pego emprestado o conceito de comunidades imaginadas, utilizado por Benedict Anderson (2008). Ao definir a nação como uma comunidade política intrinsecamente limitada e ao mesmo tempo soberana, pode-se entender que a súbita reintegração dos Estados Confederados à União não foi um processo simples, já os sulistas viram a soberania de sua criação imaginada desafiada quando os políticos liderados pelo presidente Andrew Johnson propõem a difusão de valores que pregam

---

<sup>1</sup> Uma série de acadêmicos americanos vem discutindo sobre o este movimento nas últimas duas décadas. Gallagher (2010) vê a Causa Perdida como uma forma dos sulistas amenizarem a derrota que quebrou tradições sociais e desvinculou os cargos políticos do setor econômico para a maioria dos estados do sul. Loewen (2010) atribuiu a Causa Perdida o estabelecimento de um culto derrotista que seria fundamental para o surgimento de neo-confederados que exaltam a vida do sul a partir da adoração a bandeira dos Estados que deixaram a União, em 1861.

o apaziguamento das relações a todo custo. No entanto, fica claro que ao colocar nos generais sulistas e nos políticos que controlavam os Estados rebeldes a culpa pelo início da guerra civil – prática comum nos *textbooks* apoiados pelo governo – um movimento de resistência surgiu englobando homens de letras, ex-combatentes e simpatizantes da causa sulista.

Para analisar a expansão do movimento, divido este artigo em dois momentos: o primeiro diz respeito à construção da memória sulista através da transformação de Generais e políticos confederados em heróis; na segunda parte, proponho um estudo dos monumentos criados pós-guerra civil para a preservação do ideal sulista a partir das representações feitas na Geórgia. Escolhi este estado devido à posição de Kenneth Coleman (1991), que considera a localização como essencial para propagação do *southern way of life*.

### **Entre heróis e mitos**

Um dos pilares fundamentais da Causa Perdida é o culto a imagem de figuras confederadas. Para escritores como Wilson (2011), os principais generais e políticos representam a virtude do movimento que luta contra seus ferozes opressores, batalhando com unhas e dentes pelas defesas de ideias e tradições que estavam consolidadas.

Neste sentido, Jefferson Davis é considerado como o principal político sulista. O articulador do movimento separatista confederado começou sua carreira como senador do Mississippi, e logo se tornou o principal defensor do modelo econômico das *plantations*, sendo uma das principais vozes defensoras do escravismo no Congresso. Apontado pelos acadêmicos como um homem que tinha pouca noção de gestão de um Estado em guerra, Davis também é retratado nos livros de história como um político que distribuía cargos de grande importância a velhos amigos de luta, sendo que muitos destes não tinham nenhuma experiência pública antes de chegar à Confederação. Desde a publicação de suas memórias, em 1881, a Southern Historical Society organizou uma forma de blindar o ex-presidente confederado das críticas de seus colegas do norte: para as acusações de não ter noção de administração, os defensores da Causa Perdida argumentam que seu modelo de gestão era completamente diferente do proposto por Lincoln e seus companheiros. As caracterizações de Davis nas obras dos historiadores, segundo seus defensores, eram feitas propositalmente para prejudicar sua imagem e tentar contaminar a mente de gerações futuras. Uma das exposições organizadas pela Southern Historical Society, por exemplo, tinha como alvo mostrar a

“humildade e transparência” do gestor sulista ao reunir cartas enviadas para as famílias de soldados mortos na guerra.

Este mesmo grupo aponta Robert E. Lee como o maior militar da história dos Estados Unidos. Um dos destaques na Guerra Mexicano-Americana, conflito que lhe rendeu fama e inúmeras condecorações, Lincoln ofereceu a Lee o controle das tropas da União em 1861 (ROBERTSON, 2005, p.16). O militar, no entanto, preferiu seguir o desejo de seu povo, e optou pela defesa do estado da Virgínia, onde ocupou o posto de conselheiro militar do governo de Davis. Após perder de maneira vergonhosa a sua primeira batalha da guerra civil, onde o número de soldados confederados era seis vezes maior do que as forças da União, o general estudou táticas de guerra e voltou ao campo de batalha renovado: Lee venceu pelo menos quatro disputas contra um exército que dobrava o número de seus homens e tinha a disposição as mais modernas armas disponíveis. Na batalha de Cold Harbor, por exemplo, os 62 mil homens de Lee montaram um cerco baseado nas táticas de Napoleão para encurralar os 103 mil homens de Ulysses S. Grant (ROBERTSON, 2005, p.145).

Contrariando o consenso acadêmico que indica que Lee ofereceu rendição a Grant devido ao péssimo estado de suas tropas, os proponentes da Causa Perdida lutaram para consolidar a imagem de que o general estava abismado com a quantidade de crimes de guerra cometidos pelo norte e via um período de trégua como algo necessário para reestruturar suas forças na terra. O historiador Grady McWhiney chegou a ser acusado de usar seu prestígio acadêmico para manipular dados sobre as campanhas do general com o intuito de aumentar o tamanho de seus feitos na guerra civil.<sup>2</sup> Boa parte dos artigos publicados nos anos iniciais da Southern Historical Society que tratavam sobre a biografia de Lee ocultava o passado escravista do general. Nomeado como “o maior mito do sul”, ele recebeu inúmeros monumentos após a guerra no sul dos Estados Unidos, e, até hoje, é uma das figuras militares que mais desperta o interesse dos historiadores americanos, sendo um dos homens com maiores médias de publicações anuais naquele país.

Se Davis era a cabeça do movimento e Lee mostrava toda a garra dos homens sulistas, o movimento buscou consolidar a criação de dos mártires. O primeiro deles foi Albert Sidney Johnston, um dos generais mais conhecidos e respeitados das Américas na década anterior a guerra civil. Famoso por estudar táticas de guerra europeias, o general venceu mais de 90% de todas as batalhas enfrentadas na sua carreira de quarenta anos. Ele comandou as tropas

---

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre este tema, ver Boritt (1992).

confederadas durante a sangrenta batalha de Batalha de Shiloh, o conflito mais violento da história dos Estados Unidos até abril de 1862. Comandando uma quantidade de soldados muito inferior aos seus rivais, Sidney Johnston organizou a invasão do Tennessee apostando no fator surpresa. No entanto, nas primeiras horas de batalha ele foi atingido por um tiro e sucumbiu aos ferimentos. Segundo as pesquisas de Garbor Boritt (2013), horas antes de morrer, Johnston orientou seus soldados a jamais se entregarem para a União e que só Deus sabia as humilhações sofridas pelos Estados do sul americano. Ex-combatente do Exército Texano, a família de Albert recebeu inúmeras honrarias e seus restos mortais foram depositados no Texas State Cemetery, onde foi tratado como herói de guerra.

Mas a morte que mais abalou os confederados durante a guerra aconteceu em 10 de maio de 1863. O general Stonewall Jackson também construiu uma longa carreira no exército americano durante a guerra contra o México e preferiu lutar com o seu Estado natal, Virgínia. Comandante da Primeira Batalha de Bull Run, uma das grandes vitórias dos confederados durante a guerra civil, Stonewall era apontado por Grant como o maior conhecedor de armas e táticas de guerra do sul. Durante a Batalha de Chancellorsville, um soldado confederado atingiu acidentalmente o braço do general, que sobreviveu a uma amputação, mas morreu por complicações da cirurgia. Vários autores publicaram diferentes versões sobre as suas últimas palavras. Enquanto o consenso acadêmico é de que as últimas horas de vida do general foram envoltas em lapsos de loucura, os membros da Southern Historical Society criaram um mito por trás dos momentos finais, que ganhou destaque com autores como James Ronald Kennedy. Segundo Rawley (1996), a morte de Stonewall foi um dos momentos que marcaram a queda do projeto Confederado, já nenhum outro militar conseguiu suprir seu conhecimento técnico e estratégico.

### **A preocupação com a preservação da memória na Geórgia**

*“Don’t forget what happened here”*. Estes são os dizeres de uma pequena placa localizada em uma Igreja no subúrbio de Atlanta, Geórgia. Naquele estado ocorreu um dos episódios mais controversos da guerra civil americana – que acabou se tornando um prato cheio para os sulistas e os defensores da Causa Perdida. Em novembro de 1864 o major William Tecumseh Sherman deu início a chamada “Marcha ao Mar”. O mesmo homem que cunhou a famosa frase *war is hell* fez a promessa pública de fazer a Geórgia gritar de dor

(LEWIS, 1993, p.429).<sup>3</sup> Para cumprir seu objetivo, Sherman decidiu destruir e queimar toda a infraestrutura das cidades pelas quais seu exército entrava. Mesmo sabendo de que isto poderia comprometer sua linha de suprimentos, seus soldados eram orientados a estocar toda água e alimento disponível antes de colocar fogo nas plantações e casas da região. A tática considerada como um dos primeiros símbolos de guerra total por Tucker (2013) foi um sucesso e em menos de vinte dias a Geórgia estava nas mãos da União.

Antes mesmo de se render, o general confederado Joseph E. Johnston lembrou de que os atos cometidos pela união não seriam esquecidos facilmente. Existem inúmeros registros sobre crimes de soldados da União – que variam desde estupros até execuções sumárias. Todas elas foram compiladas pela Southern Historical Society e viraram propaganda contra os políticos do norte durante o período da Reconstrução. Após o fim da guerra de secessão, ex-soldados confederados e simpatizantes do movimento sulista lutaram para construir estátuas e locais de memória para seus chefes e generais. Contra qualquer tipo de interferência dos Estados do norte americano, a imposição pelo culto à imagem do presidente Lincoln, proposto por Andrew Johnson foi prontamente rejeitado. Um claro exemplo disto pode ser notado quando o governador da Geórgia, Rufus Bullock, foi pressionado pela Ku Klux Klan para abandonar o cargo após uma série de propostas que incluíam dar o nome de generais da União para vilarejos recém-criados e promover o que considerava um diálogo positivo pela paz duradoura. Margaret Mitchell, em seu livro *Gone with the Wind*, utiliza a história de Bullock para simbolizar o fracasso do plano dos estados do norte para converter a Geórgia em um território amigo. Os locais de preservação de memória sulista naquele estado estão em volta do Parque Nacional Confederado, criado por veteranos para comemorar anualmente o dia 4 de fevereiro, data em que foi assinada a criação dos Confederados em 1861, antes da posse de Lincoln. Em uma destas reuniões, que se popularizou com a propagação de membros da Southern Historical Society, um grupo de mulheres organizou a arrecadação de milhares de dólares para criar o que consideravam o maior e mais imponente monumento da Geórgia. Esculpido em mármore na Itália, a obra de 24 metros de altura homenageia todos os que deram a vida pela causa confederada e foi instalada no centro da cidade de Augusta, no condado de Richmond. No topo, uma representação do soldado Berry Benson, conhecido como um herói do estado. Abaixo dele, estátuas em tamanho real dos Generais Thomas R. R. Cobb, Stonewall Jackson, Robert E. Lee, e William H. T. Walker lembram alguns dos homens cultuados pelos sulistas.

---

<sup>3</sup> *I can make this march, and I will make Georgia howl*, no original.

Inaugurada perante um público que passava as doze mil pessoas, a mensagem na base do monumento foi inscrita por um membro do SHS:

Worthy to have lived and known our gratitude. Worthy to be hallowed and held. In tender remembrance. Worthy the fadless fame which confederate soldiers won. Who gave themselves in life and death for us, for the honor of Georgia, for the rights of the States, for the liberties of the South, for the principles of the Union, as these were handed down to them. By the fathers of our common Country. No nation rose so white and fair, none fell so pure of crime. Our Confederate Dead (KNIGHT,2006, p. 301).

As mulheres georgianas são lembradas no monumento “Women of the South”, localizado na cidade de Macon. Apesar de não poderem servir oficialmente no exército, uma mulher dando água a um exausto soldado representa o que a SHS considerou como base física e espiritual para o prolongamento da guerra (KNIGHT,2006, p. 231).

O Estado da Geórgia também reúne o maior número de cemitérios que contém os restos mortais de guerreiros sulistas. Com isto em mente, estabeleceu-se uma tradição de homenagear os principais Generais dos Confederados com a distribuição de bandeiras (*the stainless banner*) e a visita aos túmulos. Mas ao invés da data ser comemorada em um dia específico, as datas de falecimento dos principais combatentes de certos condados é lembrada para comemoração em sua localidade.<sup>4</sup> Enquanto o cemitério instalado na região de Andersonville lembra os 1400 mortos na campanha da Pensilvânia, a figura do comandante Henry Wirz é cultuada: comandante do Camp Sumter e responsável pelos presos de guerra da União na Geórgia, Wirtz foi morto após o fim da guerra civil por ter participação direta na morte de mais de 13 mil soldados que sucumbiram perante as condições desumanas oferecidas naquele local.<sup>5</sup> Em Atlanta, o cemitério de Oakland destaca-se pelo imponente túmulo de William A. Fuller, responsável pela captura dos soldados da União no episódio conhecido como *The Great Locomotive Chase*, que inspirou a comédia *The General*, de Buster Kreation. John B. Gordon, membro do círculo pessoal de Davis, governador da Geórgia, senador e líder da Klu Klux Klan no período pós-guerra, também divide as atenções em Oakland, onde a magistral pedra de seu túmulo recebe dezenas de recados todo dia 9 de janeiro, data de seu falecimento, em 1904. Em Cassville, as homenagens são direcionadas

---

<sup>4</sup> O Estado da Geórgia foi o primeiro a adotar oficialmente o Confederate Memorial Day em seu calendário. Comemorado todo dia 26 de abril (data que marca a rendição de Joseph E. Johnston para William Sherman), as organizações sulistas ligadas a preservação da memória distribuem panfletos e livros gratuitamente para os moradores da região de Atlanta.

<sup>5</sup> Nascido na Suíça, Wirz virou amigo de Jefferson Davis logo nos primeiros dias da guerra. Ele é um dos três homens condenados a morte pelos Estados Unidos após o final do conflito – e o único a fazer um pedido de clemência ao presidente Andrew Johnson.

para o General William T. Wofford, e seu parceiro, Henry L. Benning, é o mais lembrado em Columbus.

Mas o fato que mais chama a atenção – e talvez o mais desconhecido – diz respeito à versão sulista do Monte Rushmore, que homenageia os presidentes George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. Localizada em Stone Mountain, a maior escultura feita em relevo no mundo conta com a figura de três grandes personalidades confederadas: Stonewall Jackson, Robert E. Lee, e Jefferson Davis.

### **A Causa Perdida: considerações finais**

Analisar de forma completa a gênese e a propagação do movimento da Causa Perida certamente requer muito cuidado com a seleção de fontes. Fica visível a grande disputa entre acadêmicos do sul com os do norte no que diz respeito as fontes que tratam sobre a validade de um movimento que prega a união das tradições do sul, mas que também é criticado pelo culto de valores que afastam o negro das práticas sociais e deixa em segundo plano qualquer tipo de questionamento relacionado à escravidão.

Mas qual seria a diferença entre o modo de vida do norte e do sul? Se antigamente os aspectos econômicos (e, conseqüentemente, os políticos) pareciam ser os alicerces de duas sociedades diferentes que se confrontaram em um dos conflitos mais violentos de que se tem registro, desde a criação e expansão da Causa Perdida, muito graças aos esforços da Southern Historical Society, hoje fica claro que o chamado *southern way of life* busca lembrar a história para então entrar no campo social, político e econômico.

Por fim, existe uma forma de nacionalismo particular do sul dos Estados Unidos? Pelas minhas pesquisas, posso dizer que sim. Ao mesmo tempo em que ele convive com um sentimento de unidade e pertencimento aos Estados Unidos da América como nação, deixando de lado qualquer possibilidade de uma separação ou independência dos Estados do sul, como defendido tempos atrás, os feriados e festas específicos para comemorar a honra dos confederados buscam salientar um equilíbrio no cenário nacional de uma comunidade que sente que perdeu o respeito do resto do país durante o período da Reconstrução. Na conclusão de seu livro, Benedict Anderson cita que as nações precisam gerar uma narrativa de identidade. No caso dos Estados Unidos, apesar do sentimento de pertencimento gerado pela religião civil, pode-se dizer que tal processo caminha de mãos dadas com a quebra do mito criado na transição do século XIX de que tudo que é confederado é ruim. Apesar disto parecer



impossível em um futuro próximo, é obrigação da comunidade acadêmica discutir sobre a relação de memória e nacionalismo como fontes geradoras da tão famosa identidade nacional.

### **Referências**

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORITT, Garbor S. **Why the Confederacy Lost**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Salvador: Quarteto Editora, 2001.

COLEMAN, Kenneth A **History of Georgia**. Atlanta: University of Georgia Press, 1991.

DAVIS, Jefferson. **The Rise and Fall of the Confederate Government**. Nova York: Da Capo Press, 1990.

EICHER, David J. **The Longest Night: A Military History of the Civil War**. New York: Simon & Schuster, 2001.

GALLAGHER, Gary. **Leaders of the Lost Cause: New Perspectives on the Confederate High Command**. Nova York: Stackpole Books, 2004.

GUELZO, Allen. **Fateful Lightning: A New History of the Civil War and Reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

JONES, Terry. **Historical Dictionary of the Civil War**. Nova York: Scarecrow Press, 2011.

KNIGHT, Lucien. **Georgia's Landmarks, Memorials, and Legends**. Atlanta: Pelican Publishing, 2006.

LEWIS, Lloyd. **Sherman: Fighting Prophet**. Lincoln: UNP, 1993.

LOEWEN, James. **The Confederate and Neo-Confederate Reader: The "Great Truth" about the "Lost Cause"**. Jackson: University Press of Mississippi.

PRICE JR. **Arquivo Fotográfico**. Disponibilizado com a autorização do autor.

POLLARD, Edward. **The Lost Cause: A New Southern History of the War of the Confederates**. Honolulu: University Press of the Pacific, 2004.

QUIGLEY, Paul. **Shifting Grounds: Nationalism and the American South, 1848-1865.** Oxford: Oxford University Press, 2011.

RAWLEY, James. **Turning Points of the Civil War.** Lincoln: University of Nebraska Press, 1966.

ROBERTSON, James. **Robert E. Lee.** Ann Harbor: UMP, 2005.

ROSE, Willie Lee. **Rehearsal for Reconstruction: The Port Royal Experiment.** Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1964.

THOMAS, Benjamin. **Abraham Lincoln: A Biography.** Carbondale: SIU Press, 2008.

TUCKER, Spencer. **American Civil War.** Santa Barbara: ABC-CLIO, 2013.

VARON, Elizabeth. **Appomattox: Victory, Defeat, and Freedom at the End of the Civil War.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

WILSON, Charles. **Baptized in Blood: The Religion of the Lost Cause, 1865-1920.** Atlanta: University of Georgia Press, 2011.